

SEMENTE CRIOULA

ENTREVISTADAS:	Camila Freitas Patrícia Alves
Localização da atividade:	Jardim Augusta, Lajeado
Área de Atuação:	Cultura Popular / Cocô
Data da entrevista:	12/09/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Formado em 2014, na periferia da Zona Leste de São Paulo, o Grupo de Coco Semente Crioula, composto exclusivamente por mulheres periféricas, busca aprofundar-se na cultura do coco e suas variações (música, dança, poesia...), contribuir com a visibilidade da presença e protagonismo feminino nas culturas tradicionais e rememorar e fortalecer estas manifestações de origens negra, indígena e nordestina, com foco no coco de roda, relacionando-as ao contexto em que está inserido e em suas práticas poético-políticas. Da reverência às origens que vem de longe e também de perto, pois inclui principalmente Mestras da região em que atua, o grupo faz nascer um repertório carregado das memórias e vozes dessas mulheres que as antecederam, ao mesmo tempo em que é carregado de suas próprias vozes.

ENTREVISTADO:

CAMILA FREITAS

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Camila Freitas: Eu me chamo Camila e faço parte do grupo de coco Semente Crioula, que nasceu na Zona Leste de São Paulo. No princípio, no início desse encontro de mulheres a intenção era estudar o coco, estudar a cultura popular, a princípio a gente não se imaginava tocando qualquer instrumento, tocando, cantando e compondo o coco, a gente queria aprender a respeito dessa cultura, e a gente queria entender um pouco melhor os instrumentos, então alguns amigos fizeram parte das primeiras oficinas pra iniciar como que você toca o pandeiro no coco, como você toca o ganzá dentro do coco, né, então era essa a nossa intenção, era

estudar os instrumentos, e estudar todo o movimento né, do coco e da cultura popular no Nordeste principalmente, e o nosso querido amigo, o Daniel, ele convidou a gente a tocar no sarau, ele forçou a gente a criar uma sequência de apresentação, uma sequência de música com isso né, e aí a gente entrou nessa brincadeira, e aí a gente falou, ah então vamos ter um nome, além da gente ser apresentada, a gente tem um pequeno roteiro pra esse momento do sarau, a gente precisava de um nome também pra ele chamar, e aí a gente decidiu meio que de supetão, Semente Crioula, né naquele momento Grupo de Coco Semente Crioula que foi uma indicação acho que dá Andréia, porque as sementes crioulas elas são sementes dos pequenos agricultores, dos pequenos...

Bom então, o Daniel Marques ele veio nos dar oficina, pra gente aprender o toque do pandeiro no coco, e a segurar o ganzá também né, fazer o preenchimento do coco e no meio da oficina ele sugeriu que a gente fosse pro Sarau O Que Dizem os Umbigos pra se apresentar, fazer uma, né, ele forçou essa iniciação nossa, ele pediu pra gente criar um roteiro com cocos que a gente conhecesse e tocasse e se apresentasse. E aí no meio dessa brincadeira a gente começou a ensaiar, especificamente para o sarau, pra essa apresentação, mas a gente precisava de um nome né, pra ser chamada no meio do sarau, pra poder se apresentar, aí nós decidimos que seria o Semente Crioula. As sementes crioulas, elas são sementes de pequenos produtores, e elas servem especificamente pra troca né, então é isso que é feito, uma troca, um produtor que troca a semente com outro produtor, né, e assim a gente tem uma variedade grande nas pequenas comunidades de produtos, de produção agrícola, e a gente sente que o coco e que o Semente Crioula ele nasce disso, ele nasce dessa partilha e ele nasce dessa vontade de continuar perpetuando com uma tradição, né, de ir buscar na fonte da nossa ancestralidade aquilo que nós somos e nos conhecer a partir dessa ancestralidade.

Ireldo CPDOC Guaianás: Vocês bebem muito da cultura popular. Como foi esse contato, esse primeiro contato dos integrantes, das integrantes com a cultura popular com o coco?

Camila Freitas: Então, a gente conhecia muito a Dona Selma do Coco, que é uma grande figura aí, e a partir dela a gente passou a conhecer outras mulheres né, como a Dona Glorinha, a partir do momento que a gente começou a se interessar e a querer tocar e a querer aprender, a gente começou a se interessar e a querer tocar e a querer aprender, a gente começou também a pesquisar mais e a perceber que muito daquilo que aquelas mulheres cantavam, fazia parte da infância dos nossos pais, e que também foi trago né pra dentro da nossa infância também, eles

trouxeram essas referências musicais pra dentro daquilo, que nós éramos, né, desde criança, pros nossos terrenos, pros nosso quintais também. E aí a gente começou a se aprofundar mesmo. A gente percebeu que boa parte das comunidades de coco, elas são comunidades que são construídas e coordenadas né, se assim a gente pode dizer, por mulheres. Boa parte, boa parte das comunidades de coco são feitas por mulheres. O que nos deu assim muita, muito mais vontade de conhecer, de se espelhar nessas mulheres, de conhecer as histórias delas, de conhecer a história de cada uma das comunidades.

Ireldo CPDOC Guaianás: Aí, a partir disso como foi esse desenvolvimento da, de vocês tocarem, de vocês se apresentarem, o contexto também feminista que vocês trazem nas letras né?

Camila Freitas: É porque, o coco, as letras de coco quando a gente analisa, elas falam daquele universo, né, do universo em que a comunidade está inserida, então se é uma comunidade agrícola é disso que ela vai falar, se é uma comunidade praieira, é disso que a letra do coco vai falar, e qual era a nossa realidade, a gente não podia simplesmente construir temas que não nos pertencia, né, isso ia causar na gente também muita, como eu posso dizer, nós não nos sentiríamos a vontade com isso, porque seria um processo de apropriação, e não de contribuição, com a tradição, e não de contribuição com a cultura popular, então, observando isso, observando que as letras elas trazem esse contexto, nós decidimos que a gente ia falar do nosso contexto, e o nosso contexto é um contexto urbano, né, e é um contexto de mulheres que são feministas, e que tão dentro dessa luta, né, mas assim as nossas letras também, elas foram amadurecendo, eu acho que quando a gente pega a nossa produção no início do grupo, e a gente olha pra aquilo que a gente tem agora, nesse momento, a gente percebe que o nosso roteiro, que a nossa apropriação, a nossa apropriação não no sentido de pegar pra si, mas no sentido de começar a entender melhor esse processo, ele nos transformou, né assim, ele foi nos transformando e os nossos temas eles foram crescendo, pra além daquilo que a gente imaginava, então no início do grupo a gente tem músicas muito mais que vai trazer essa questão do feminismo, e atualmente a gente tem músicas de mais de brincadeira, porque o coco ele é isso, ao mesmo tempo que você tá falando, olha né, vamos trazer a questão LGBT você tá falando também da questão de que olha, não pisa na florzinha, entendeu assim, não toma veneno, né, então você vai trazendo outros contextos pra dentro desse roteiro, a partir da sua realidade, a partir da brincadeira, a partir daquilo que vai nascendo.

Irelido CPDOC Guaianás: É, assim, vocês têm, eu queria saber assim como é que foi o começo, se tiveram algumas transformações no grupo, né, quais foram as principais dela, de fato marcantes, assim de alguma apresentação, de alguma coisa que deu start pra continuar de repente, enfim, como você disse começou de uma certa, até uma certa ingenuidade, e hoje tem uma grande potência, enfim, como é que se deu esse processo, de vocês até agora?

Camila Freitas: Então né, eu preciso dizer que lá no início a gente tinha um grupo muito maior, porque como a ideia era só você estudar o coco, o grupo ele era formado de mulheres de diferentes grupo, de diferentes lugares, então a gente era um grupo de quinze pessoas mais ou menos, né, que se reunia na casa da Kelly, pra estudar, pra estudar esse coco, pra entender melhor a cultura popular e entender melhor o coco, e quando a gente começou os ensaios em si, a partir do momento que a gente decidiu ensaiar para participar do Sarau O Que Dizem os Umbigos, a gente alterou né o nosso formato também, porque aí inclui né você ter essa disposição pra ensaiar e pra se dedicar a esse processo mesmo de criação, de instrumentização das músicas, e aí uma parte das meninas saíram neste momento, então acho que essa foi uma primeira mudança, mas uma mudança também que falou, olha, é isso né, o Semente Criola é isso daqui que tá aqui agora, né, são essas mulheres que estão nesse momento. E logo na sequência do sarau que nós fizemos a apresentação no sarau, e a gente gostou, e a gente viu que era muito interessante, que era bom, que a gente podia produzir a partir desse caminho, é, a gente foi recebendo outros convites né, e quando o Sesc Itaquera convidou a gente pra tocar pela primeira vez, acho que em 2015 se eu não me engano, então o grupo nasce em 2014, em 2015 um ano depois, quase, a gente já tava tocando no Sesc né, então isso pra gente foi um marco, assim nesse momento a gente percebeu, olha né (risos), a gente pode ir por esse caminho sim né, tanto que depois desse momento, desse episódio a gente começou a produzir as nossas músicas né, a gente começou a escrever as nossas músicas, a criar o nosso som, a entender como que esse processo ia se dar, o caminho.

Irelido CPDOC Guaianás: Dentro, vocês falaram que passaram muitas pessoas né? Dentro desses integrantes assim, das integrantes do grupo, teve alguma pessoa marcante?

Camila Freitas: Teve. Então a Amanda né, ela ficou os dois, ou três primeiros anos, mas depois da gestação ela acabou se afastando, mas ela deixou muita, muitas marcas né dentro da nossa história, é..., o restante assim, a galera anterior eu acho que ainda não era o Semente Criola mesmo assim, acho que o Semente Criola foi mesmo nessa gestação a partir do ensaio pra essa apresentação, porque a galera nem se entendi como Semente Criola e a gente nem se entendia como um grupo, quem teve essa sacada foi o Daniel Marques, né, foi o Daniel Marques que

convidou a gente e que chamou a gente pra fazer parte daquele sarau e que percebeu que ali a gente cantando juntas tinha alguma coisa que poderia dar certo né, e aí assim ao longo do nosso percurso também a gente foi conhecendo outras pessoas que foi agregando e que também, é, foram marcantes e que acabaram se tornaram referência pra gente, né então as mestras aqui da Zona Leste, acabaram né agregando muito a nossa história assim, fortalecendo muito a gente como mulheres e como mulheres que estão dentro da cultura popular. Como não falar de Soraia, né, nesse momento? Soraia é a nossa madrinha, né, ela acabou nos amadrinhando na Primeira Noite do Coco quando a gente construiu esse projeto da Noite do Coco porque ela já era uma referência pra gente. Como não falar de Solange? Que é outra mulher incrível da dança, da cultura popular, e que a gente foi se espelhando né, a partir do Semente Criola a gente foi se vendo e vendo que essas mulheres eram as nossas referências, né, elas são o nosso sol aqui da Zona Leste, né, o sol nasce na Leste e elas são o nosso sol.

Irelto CPDOC Guaianás: É, vocês enquanto Semente né, Criola, vocês experimentaram essa árvore do coco né, as outras referências, eu quero fazer uma analogia da semente nesse sentido de que vocês viram como essa árvore é grande. Como foi experimentar isso pra vocês? O contato com as mestras? O quanto isso refletiu na letra? Quanto isso refletiu na produção do grupo?

Camila Freitas: Eu acho que refletiu. Refletiu muito porque a partir do momento que a gente consegue enxergar todas essas referências, todas essas mulheres e enxergar essas mulheres que estão aqui na Zona Leste construindo a cultura popular, batalhando mesmo pela a sua existência né, dentro desse cenário, a nossa produção musical, o nosso conceito também de grupo, ele muda, né, e isso óbvio interfere, interfere na nossa instrumentização, então as primeiras músicas a gente tinha um pandeiro, uma alfaia e uma ganzá, né, e brincava com algumas outras coisas, e aí a partir de ter esse contato com tantas possibilidades né, seja das mestras nordestinas, e seja das mestras daqui da Zona Leste também, não só da Zona Leste mas da cidade de São Paulo, a gente muda também a nossa forma de encarar o coco e a nossa forma de fazer também o coco né, então a gente começa a incluir outros instrumentos, a mudar o nosso roteiro, a transformar a nossa letra, né de música, a nossa ritmação. Então a gente acabou ampliando mesmo o nosso repertório, ampliando o nosso conhecimento e é óbvio que isso se refletiu também no grupo, na forma como a gente encara hoje em dia a Semente Criola.

Irelto CPDOC Guaianás: É, vocês acham que tão contribuindo pra que essa árvore do coco, essa cultura popular, se, continue sendo, que essa tradição continue sendo passada pra outras pessoas?

Camila Freitas: É, essa é a nossa intenção né (risos), é essa é a nossa intenção. A gente pretende né fazer que com que aquilo que é produzido na periferia de São Paulo seja algo potente, seja algo potente no sentido da gente se enxergar.

Mas a gente tenta sim perpetuar, quando a gente produz o coco, quando a gente constrói o Semente Criola, a gente tá partindo da nossa ancestralidade, né, dessa ancestralidade, desses mestres e dessas mestras do coco, a gente também tá partindo daquilo que é ancestral nosso, na nossa história, na nossa identidade, na nossa família mesmo, daquilo que eles trouxeram pra gente, as nossas histórias que são as mesmas histórias, os nossos pais eles se parecem também na construção de identidade, então é essa ancestralidade que a gente tá trazendo, e é uma responsabilidade grande, representar tudo isso né, mas a Semente Criola ela também é isso, uma das nossas músicas vai falar exatamente disso, que tem Dona Glorinha do Coco né, Selminha e que elas jogaram sementes e nós estamos a semear, né então assim, elas lançaram essas sementes, e acabaram gerando nós, para o bem e para o mal.

Eu acho que eu passei a me entender muito mais assim como artista, como produtora mesmo de música né, eu não me via dentro desse cenário, por mais que a gente pegasse né, o Ireldo pegava um violão, os amigos pegava um violão e a gente cantava, eu nunca me enxerguei dessa maneira assim, né então o Semente Criola foi possibilitando esse olhar, né e eu acho que isso é um ponto fundamental e também a forma como a gente construiu o grupo, né, é uma morada assim de apoio, eu me sinto apoiada assim pelas meninas, né a gente é uma família mesmo, a gente conhece né, os defeitos e as qualidades e os problemas de cada uma, e isso fortalece também a sua existência né, porque a partilha ela faz isso, a partilha ela te fortalece internamente.

Eu acho que o Semente Criola ele me formou como artista, ele me potencializou isso, porque a gente não se enxergava até então como artista da periferia, a gente se enxergava como produtor periférico né, tava produzindo algo, mas um artista realmente né, é, isso, o grupo potencializou isso, potencializou os meus instintos também de criação, de educação musical, enfim, trouxe essa perspectiva, eu acho que a partilha sempre entre mulheres é muito potente, é muito potente, ela te inspira e te fortalece de um jeito imenso, então aquilo que a gente partilha que é vida, que é as questões não só do grupo, mas as questões da nossa vida pessoal, é que não ficam de fora né, o Semente Criola ele é isso, a gente é um grupo de mulheres, mas que também de mulheres

artistas que tem um grupo profissional mas é um grupo também que te fortalece nessa estrutura, né, na questão, na forma como você vai lidar com os seus problemas, com as suas questões pessoais, né, então isso é muito, é muito empoderador isso.

Renata CPDOC Guaianás: Ca, você tava contando pra mim assim, que você ouvia o coco, você ouvia essas tradições em casa. Conta pra mim assim essa história da Camila. Quem é a Camila? O que a Camila faz?

Camila Freitas: Então porque, o coco ele chega na minha vida, e acho também, posso dizer, na vida das minhas colegas também, das minhas companheiras de Semente Criola, muito via família, né, a nossa família introduz isso na nossa realidade, e a gente não tinha essa consciência até então, a gente não sabia o que era coco né, como funcionava isso, essa consciência a gente não tinha, então essas músicas entraram na nossa infância, e houve através da nossa vida mesmo dentro da periferia, e dentro da cultura periférica, essa retomada através dos saraus, dos espaços que a gente foi ocupando, então a gente retomou essa consciência do coco, e é muito curioso porque teve um dia que eu coloquei alguns cocos pra tocar, Semente Criola ainda nem existia, a gente ainda não tinha nem essa visão do que viria acontecer, e eu coloquei alguns cocos pra tocar dentro de casa, algumas coisas que eu tava vendo, revisitando, olhando, e a minha mãe saiu de lá da cozinha, e foi até o meu quarto para dizer, “essas músicas, eu conheço né, essas músicas fazem parte da minha história, essas músicas né, o coco faz parte daquilo que eu dançava o tempo inteiro lá na minha infância”, então quando a gente traz essa perspectiva do coco a gente tá trazendo essa realidade, a realidade que é a realidade dos nossos pais, da nossa família, essa ancestralidade mesmo familiar, passa muito isso.

Renata CPDOC Guaianás: E você é originária aqui de São Paulo? Sua família é daqui?

Camila Freitas: Eu sou de São Paulo, nasci aqui na cidade São Paulo, minha mãe é de Pernambuco, na cidade de Petrolina, nasceu em Petrolina, e o meu pai ele é daqui do interior de São Paulo.

Renata CPDOC Guaianás: Você acha que quando vocês começam a se envolver com o coco, como é que isso, vocês estão em um bairro basicamente nordestino né? Como é que isso se aproxima com a comunidade, com o público, como é que vocês percebem esse impacto?

Camila Freitas: Muito potencializa muito assim, né, todas as vezes que a gente tocou, principalmente em espaços abertos né, é a gente tocou há alguns anos atrás em um sarau no Itaim Paulista, no sarau, quando a gente se apresentou no Sarau das Pretas Peri, né, que é bem no fundão ali do Itaim Paulista, e no meio da rua né, no meio de uma praça, isso é muito... a

gente começa a perceber como o coco mexe com as pessoas, né, exatamente porque a gente tá em um bairro que é 80% de pessoas que são descendentes ou são nordestinas, e isso traz muita memória, traz muita força, então às vezes as pessoas não sabem direito, ou não estão ligando aquilo que fez parte da história dela, que faz parte da memória, que faz parte da infância, não liga assim com a questão do coco, mas aí quando você começa a dançar, a mostrar né, o que que é o ritmo do coco, então isso vem à tona, então as pessoas sente, se sente pertencente, elas vão dançar, elas querem aprender os passos né, ou mesmo começa a dançar da forma como dançava na infância, então a gente sente isso, a gente sente muita energia nas rodas de coco, principalmente quando a gente tá aqui na Zona Leste, ou em qualquer né gente, quando a gente vai pra Zona Sul, quando a gente vai pra Zona Norte, as periferias de São Paulo elas são formadas por descendentes nordestinos.

Camila Freitas (Poesia)

Somos as Madalenas apagadas das páginas da história, somos netas das bruxas queimadas em suas fogueiras, somos descendentes das rainhas arrancadas da África e que resistiram bravamente neste chão, somos a continuação das curandeiras e rezadeiras das tribos dizimadas pela ambição, somos a nova safra de intelectuais, Rosa, Pagu, Simone, indignadas nas ruas gritamos por igualdade, somos filhas das trabalhadoras, empregadas domésticas, donas de casa que decidiram dizer não, somos as novas guerreiras, Joana, Dandara, Maria Quitéria, invés de espadas, empunhamos canetas, com a poesia gestamos o revide dessa ferida ainda aberta.

ENTREVISTADO:

PATRICIA ALVES COSTA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Renata CPDOC Guaianás: E aí Pati, você tá com quantos anos hoje Pa?

Patrícia Alves: Hoje 38

Renata CPDOC Guaianás: E quando foi que você fez aniversário?

Patrícia Alves: Sete de Setembro

Renata CPDOC Guaianás: E laiá, já tamo aqui pra comemorar não!

Patrícia Alves: Pois é comemorar em quarentena é um desafio interessante.

Renata CPDOC Guaianás: E tá sendo muito difícil esse momento de quarentena pra vocês?

Patrícia Alves: A parte difícil é o trabalho né Re? Ficar em casa trabalhando com crianças é uma coisa de doido.

Renata CPDOC Guaianás: E o Semente Criola não tá fazendo atividades né?

Patrícia Alves: Não. A gente tem..., a gente tá estruturando a Noite do Coco que ela vai ser online né? Então a terceira Noite do Coco do Semente Criola, esse ano, a gente vai fazer algumas lives, alguns vídeos né, com algumas mestras e aí a gente vai tentar soltar esses vídeos no dia 25 de outubro, aí seria a terceira Noite do Coco né?

Renata CPDOC Guaianás: Então já tiveram outras duas?

Patrícia Alves: Sim já tiveram duas.

Patrícia Alves: Então a Primeira Noite do Coco foi em 2017, outubro de 2017, é, onde a gente conseguiu juntar vários grupos né de mulheres, batuqueiras da Zona leste, e no ano passado a gente conseguiu fazer a Segunda Noite do Coco, foi em outubro de 2019, e aí é uma ação que a gente tenta trazer como um momento de ação coletiva do grupo, mas de também trazer esses grupos né, que tão batucando, tão tocando, tão cantando e que são também conduzidos por mulheres na Zona Leste, então a Noite do Coco é esse momento de conexão né, entre várias gerações né que estão fazendo batuque, que estão se colocando nesse desafio de falar da sua identidade, falar da sua trajetória enquanto mulheres, através das manifestações populares assim. E esse ano é isso né, a proposta da Noite do Coco é ser virtual, pra gente é muito difícil pensar uma Noite do Coco virtual, pra gente que tá muito vinculado a essa questão do abraço mesmo, do afeto, então pra gente é muito difícil imaginar uma Noite do coco a distância, cada uma tocando da sua casa, preparando um vídeo, então a gente tem sentido muito ,foi uma questão que a gente dialogou muito dentro do grupo, como que a gente faz uma Noite do Coco online né, live, um vídeo, então pareceu muito diferente de tudo o que a gente já viveu, mas a gente tá se propondo ao desafio e entendendo que o registro também é importante, também se adaptar ao momento que a gente tá vivendo, então a gente tá com uma proposta bem legal pro

dia 25 de outubro, soltar alguns vídeos desses grupos da Zona Leste e a gente fazendo essa intermediação né.

Renata CPDOC Guaianás: E esse quintal aqui Pati, vocês fazem muita coisa aqui?

Patrícia Alves: Olha Re, até antes da quarentena ele tava um furdunço né, era lixo, resto de construção pra tudo quanto era lado, aí a quarentena serviu pra gente falar: nossa que lugar gostoso da casa. A quarentena que ajudou a gente a descobrir assim que tinha um lugarzinho que dava pra ficar melhor assim né.

Renata CPDOC Guaianás: E vocês fazem bastante coisa aqui com o Semente Criola?

Patrícia Alves: Ah , os ensaios do Semente, como a gente não tem uma sede, então assim os ensaios do Semente acontecem nas casas né então a gente já fez muito ensaio na casa, aqui nesse quintal né, nos espaços aqui da casa, então é um lugar que ele tá cheio de axé do Semente Criola, tá com esse axézão aí, é, na casa da Camila a gente também faz uns ensaios, Tati Bel a gente faz as reuniões que é uma casa um pouco mais apertadinha, e por aí vai assim, a gente acaba meio que se reunindo onde dá, né, onde é possível né.

Renata CPDOC Guaianás: E vocês são em quantas hoje?

Patrícia Alves: Hoje nós estamos... A gente tá num momento difícil, não sei se a gentealaria disso agora né Camila? É um grupo formado de seis mulheres, mas a gente tá num momento delicado assim, por conta da pandemia, então a gente, é legal não falar dessa afirmação nesse momento.

Renata CPDOC Guaianás: Estão passando por esse processo de transformação?

Patrícia Alves: É, e aí uma transformação dolorida que a gente precisa ainda entender internamente como é que a gente lida.

Renata CPDOC Guaianás: Vocês tiveram outros momentos no grupo com essas dificuldades, com períodos marcantes assim que vocês falam, “olha, foi um momento bem difícil pra gente.”?

Patrícia Alves: Assim né, o grupo ele inicia com, era um grupo grande, mas não ainda como Semente Criola, mas acho que uma questão que marcou muito a nossa trajetória de grupo, foi a morte do Dani, né, a morte do Dani foi um processo muito difícil pra gente, acho que todas do grupo tem histórias com o Dani, né, tem histórias de militância, de saraus, de batuque, então o Dani é uma figura que tem uma importância muito grande pro grupo, e foi às vésperas da nossa primeira Noite do Coco, então pra gente foi muito difícil, a gente não conseguia tocar os ensaios, porque a gente lembrava, a gente tinha a memória dele como alguém que incentivou muito o Semente Criola, como alguém que deu a primeira oficina de pandeiro pro Semente Criola, então a figura do Dani foi muito marcante assim pra gente acho que depois da Noite do

Coco a gente demorou um tempo ainda pra assimilar e retomar também a tocar, e enfim né, lidar com essa dinâmica que faz parte da vida, essa perda né que marcou tanto o Semente assim, é, acho que esses processos de saída também né das companheiras que acaba mexendo muito com a gente, né, de maneira muito direta a gente teve a Nanda, que também saiu por questões de, morava numa região muito distante, a gente tinha muita dificuldade de tocar os ensaios, mas uma companheira muito valiosa né, que somou muito com o grupo, é, então esses processos de saída mexem muito com o grupo né. Aí tem um outro momento terrível que é o dos documentários que eu acho que é melhor não falar.

Renata CPDOC Guaianás: Pati, e você colocou uma bandeira aí atrás de você, diga pra mim o que que essa bandeira marca na história da Patrícia, quem é a Patrícia?

Patrícia Alves: Essa bandeira, é a bandeira do meu estado natal né, nasci em Pernambuco, filha de pernambucanos, filha de uma pernambucana arretada, filha de agricultores né, então nasci no nordeste, no agreste pernambucano, e falar do Semente Criola né, quando a gente fala Semente Criola, eu convivi de maneira muito direta com o que é essa relação que o agricultor tem com as sementes né, então toda a colheita né, lá na região que eu nasci, era muito forte a plantação de milho e feijão né, comunidades indígenas por todos os lados, então essa relação de plantar milho, feijão, mandioca, bata doce, então era uma dinâmica diária no meu cotidiano né, então eu cresci vendo meu pai guardar as sementes pra próxima colheita, então essa relação das sementes pra mim é muito interessante, eu lembro de várias as pessoas na minha casa né “Ô João, você tem aquelas sementes dessa última safra? Vamos trocar? Eu trouxe essa daqui.” Então essa relação de trocas eu vivi de uma maneira muito direta, e de fato essa relação do cultivar a semente, ela é uma, ela passa, tem sementes que estão ali na família de gerações, porque são sementes boas, porque são sementes livres de qualquer agrotóxico, livres de qualquer contaminação, então é uma semente que ela só precisa de um solo bom, então você jogou ali ela né, ela floresce, então, o próprio Semente Criola pra mim no primeiro momento né, você fala “Semente Criola mas, de onde vem esse nome né?” Aí que você vai entender que o Semente Criola é essa cultura né, é essa cultura familiar, da agricultura familiar, de cultivar as sementes, pra que não falte lá na frente né, e é uma tradição muito bonita mesmo de manutenção da agricultura familiar, dos meios de vida nas comunidades interioranas né, então a gente tem essa troca de experiências no Brasil todo né, acho que o MST é um agrupamento que a gente conhece que tem muito forte né essa cultura né da agricultura livre do agrotóxico né, da agricultura que vai trazer vida né, e não morte, né, acho que a Semente Criola ela é essa semente que ela é cultivada, e ela só pode ser doada, trocada, ela não pode ser vendida, então

pra mim é muito significativo, e se conectar com isso em São Paulo é outro contexto né, porque eu cheguei em São Paulo com 12 anos, então praticamente muita coisa do Nordeste, da cultura popular, da agricultura, da identidade, você vai se dar conta em São Paulo, quando você tá no contexto urbano, periférico, né, e aí você percebe que você tá numa comunidade onde quase todo mundo é migrante, né, então, isso é muito significativo né, e pra mim eu falo né, eu fui conhecer Pernambuco na sua dimensão cultural, na sua dimensão urbana e rural, através das vivências de São Paulo, na periferia especificamente, e nos agrupamentos né que a gente vai passando, agrupamentos de jovens né. PJMP, posso falar do PJMP né? PJMP que nasce em Pernambuco né, que nasce no Nordeste, fui conhecer a PJMP em São Paulo, no final da década de 90, nossa gente é horrível falar da década de 90, (risos), vocês vão cortar essas coisas né? Vão, (risos). Então eu me conectei com a PJMP que também tem esse solo fértil nordestino, Pernambuco, e, também é o solo do Semente Criola, porque PJ e PJMP, saraus periféricos né.

Renata CPDOC Guaianás: E o que é o PJMP, Patrícia?

Patrícia Alves: PJMP é a Pastoral da Juventude do Meio Popular, né, aqui em São Paulo eu tive contato com a PJMP ali em 98, 99, e PJMP era uma pastoral que tinha o propósito de juntar jovem, de juntar jovem, de discutir sobre a realidade desse jovem, de botar essa juventude pra pensar sua realidade social, pensar o seu contexto urbano, periférico, pensar a sua identidade, a sua sexualidade, a sua afetividade, o seu posicionamento político, então como que você se entende como gente nesse contexto periférico né? Como um gay, como homossexual, como lésbica, como descendente de nordestino, de indígenas, de negros, então a PJMP foi essa pastoral que provocou a gente a pensar a essa realidade a partir do contexto que a gente vive, né, se conectando com a nossa essência, né, acho que a PJMP ela tira essa coisa do imaginário da cidade, ela tira essa coisa de que “Nossa São Paulo é pra todos”, não é, você tá no contexto periférico, é outro cenário né, são outras formas de luta e resistências que vão ter que ser construído né. Acho que é isso.

Ireldo CPDOC Guaianás: A cultura popular, é, trouxe o que pra Patrícia, como mulher, pessoa? Que essa cultura popular trouxe? E a Semente Criola significa o que nessa construção da Patrícia, sua?

Patrícia Alves: Bom, a cultura popular pra mim é o encontro né? Da Patrícia nordestina, da Patrícia da sua descendência indígena, é, essa Patrícia periférica né que tá aqui, na divisa de Ferraz, na divisa da Cidade Tiradentes, na divisa do Itaim Paulista, então a cultura popular eu acho que ela te conecta a sua ancestralidade, a quem você é de verdade, em decorrência de um sistema todo que tá aí. E a cultura popular é esse lugar de resistência né, é saber que é um lugar

de força, é um ligar de potência aonde você pode trazer o seu contexto de vida, o contexto da sua família, o contexto da mulher na sociedade, o contexto da comunidade indígena na sociedade, da comunidade negra, e aí pra mim a cultura popular ela é uma ferramenta de luta, ela é um lugar de poder assim no sentido de você tocar um instrumento né, todas nós aprendemos a tocar com 30, 35 anos de idade, então quando você olha você fala né, porque que eu não tive acesso a uma maraca, uma maraca, um pandeiro, né então é como se, é aquele lugar que você vai catando os caquinhos né, você vai catando os caquinhos da história, da história de quem veio antes, da história das nossa avós, da história da nossa família, da nossa comunidade, então eu acho que a cultura popular é aquele lugar que você vai catando e vai descobrindo coisas que você fala “nossa eu tô tocando, olha”, consigo tocar né, eu consigo tocar um tambor, eu consigo cantar, puxar algumas coisas que a gente não foi incentivada a isso né, a gente não foi incentivada a cantar, a gente foi estimulada a arrumar um trampo e ir se virar.

Irelto CPDOC Guaianás: Pensando em ancestralidade né? Você tem uma memória na verdade ancestral, a gente tem na verdade né, todo mundo tem mas às vezes é difícil buscar essa memória ancestral e tal, essa memória ancestral é a nossa semente. Como você enxerga o Semente Criola nesse processo dessa árvore da cultura popular, o que que ela tá propagando pra outras pessoas, como é que você se vê nesse processo?

Patrícia Alves: O Semente Criola né, eu entrei no Semente Criola de enxerida né, porque quando o grupo começou, fez um encontro, dois, aí alguém comentou comigo, “nossa tem um grupo de coco na Zona Leste ensaiando na casa da Kelly”, eu falei “o que. E eu não tô nesse grupo?” Pois pode mandar um recado que eu estou nesse grupo, eu estou nesse grupo. Eu como pernambucana, nordestina né, naquela época eu já tava envolvida com o jongo, maracatu, e coco pra mim era o solo de pisar no chão do terreiro indígena né, toda a referência instrumental do coco ele tem uma origem indígena muito forte né, a dança indígena, né, de passos né, de chão, os instrumentos tem essa origem indígena, as maracas, é, o tambor na verdade sofre algumas influências né, pandeiro e tal, mas assim é uma manifestação que ela tá muito vinculada à cultura indígena né, e tem também muita influência da cultura negra, então, e aí num primeiro momento eu já me vi dentro do grupo. Eu quero estar nesse grupo, e u quero estar presente, a minha filha tinha seis meses e eu falei: “ó Renato, fica aí com a Mariuh que eu vou pro coco”, eu quero tá nesse grupo de coco, e aí o primeiro encontro que eu fui era com o Daniel Marques, ensinando o coco né, no pandeiro, e aí foi um encontro muito bonito, um encontro muito gostoso e aí nunca mais eu sai do Semente Criola, e o Semente Criola pra mim, acho que tem, a potência pra mim tá no encontro de mulheres, né, tá no encontro que é, você pega né, é,

você pega mulheres que estão na Zona Leste, vários lugares espalhadas, várias sementes espalhadas por essa periferia, e aí de repente a gente tava junto tocando, cantando, batucando, né é, criando músicas, criando cocos, trazendo poesia pra roda, então pra mim é uma potência assim no sentido de, é fortalecedor assim, é, a gente conseguir pegar uma na mão da outra e falar olha agora, a gente pode, a gente pode se desafiar a tocar um pandeiro, a tocar uma alfaia, então pra mim acho que tem essa potência do encontro, tem também essa conexão com a ancestralidade, da gente perceber que quase todas, todas, são filhas de migrantes, né, as seis são filhas de migrantes, a maioria de Pernambuco e Paraíba né, não é Aracaju né, todas, então todas filhas de migrantes que vieram pro Nordeste para a cidade de São Paulo, então você se conecta com a história das mulheres né, das nossas mães, quem são as nossas mães nesse contexto de migração, né, então quase todas elas tiveram que aguentar essa carga pesada de cuidar dos filhos, quase todas no processo de viver a maternidade de maneira solo, porque a gente tá falando de mulheres separadas que também romperam com o sistema né que o patriarcado impõe, mas também com a visão conservadora nordestina né, porque o homem nordestino é um homem que traz valores muito conservadores, e aí acho que no contexto das nossas mães, quase todas elas viveram esse processo de rompimento mesmo, com relações violentas, com relações que são de opressão, então aí, e no Semente Criola a gente vive esse encontro né, de falar das nossas dores, de falar das nossas ancestralidades, de falar também dos nossos fronts, né, então onde cada uma tá atuando, é como que é essa atuação, como que é essa militância, como que é pautar o feminismo em alguns lugares, o machismo, o racismo, então e construir essa sociedade com essa perspectiva feminista né, acho que é o grande desafio né.

Ireldo CPDOC Guaianás: Eu queria que você retomasse um pouquinho na questão assim, vocês tem uma fonte que vocês bebem que é da cultura nordestina né, e ao mesmo tempo ela é potência e ao mesmo tempo ela é questionamento, do machismo nordestino mas também vocês bebem dessa fonte né? E como é que isso trabalha com a militância do grupo? Porque vocês são, querendo ou não, militantes de várias áreas, educação, assistência social, e vocês trabalham cultura. Vocês são mulheres que trabalham em várias frentes, né? A riqueza que vocês trazem do Semente Criola, é tá tipo, essas raízes dessas sementes estão enfiadas em vários lugares, em várias lutas. E como é que essas lutas refletem no grupo?

Patrícia Alves: O Semente Criola, é, acho que a gente se sente semente mesmo né, quando a gente pensa todo o processo ancestral que tá vinculado às manifestações populares, a gente se sente semente né, se sente ainda se abrindo, conhecendo aí o universo que a cultura popular traz, esse lugar né que fala dessas identidades né, de quem veio primeiro, da identidade da nossa

família, do nosso território né, então o Semente Criola é acredito que seja um espaço onde a gente se sentir fortalecida pra tá, na educação, pra tá atuando como artista independente né, como autônoma querendo fazer a sua arte, então eu acho que no Semente Criola a gente acaba conseguindo meio que se sentir fortalecidas né pra tá nesses espaços né que a gente atua né, é, e acredito que essa referência mesmo né, a Renata tinha perguntado um momento histórico do grupo, e eu me lembro de uma apresentação que a gente fez no Sesc Registro né, a gente foi em uma apresentação no Sesc Registro e era um encontro de mulheres quilombolas e indígenas, é, e uma vivência de trocas de sementes, de agricultura familiar, e eu me lembro que foi tão potente tocar com aquelas mulheres, dançar com aquelas mulheres, cantar com aquelas mulheres, e foi um momento que a gente sentiu, é por isso que a gente tá aqui, é por elas né, a gente é fruto delas, e a gente é fruto dessas mulheres quilombolas, dessas mulheres indígenas, dessas mulheres que tem muito forte né, o artesanato, que tão ali construindo os seus artesanatos, costurando né pra sobreviver, então é, naquele momento acredito que ficou muito forte essa questão do quanto que a identidade, ela é marcante na trajetória do grupo né, é carregar bandeira feminista né, da lutadas mulheres né, pra gente é muito significativo porque é a bandeira das nossas mães, é a bandeira da nossa comunidade, é a bandeira de quem veio antes, que não conseguiu tocar um instrumento, que não conseguiu cantar, que não conseguiu vivenciar o que existe na cultura popular, o que existe na nossa identidade, então é por elas que a gente canta, é por elas que a gente toca, é por elas que a gente pretende continuar né enquanto grupo, porque são mulheres que romperam muitas, romperam muitas barreiras tiveram que enfrentar esse machismo conservador né que é muito presente, então quando a gente tá reunido enquanto grupo, essa conexão ela é muito forte, porque é inevitável a gente no encontro a gente não falar das nossas mães, das nossas tias, das nossas vizinhas, das violências que estão acontecendo no bairro, das acolhidas que a gente faz das nossas manas que sofrem violência, então é quase inevitável a gente não dialogar, como o que a gente se fortalece, como que a gente fortalece as outras companheiras, então, o Semente é esse lugar né, dessa troca assim.

Bom o grupo, a gente tem 7 anos, vai fazer 7 anos de grupo né, então o grupo começou em maio de 2014, então ano que vem a gente tá completando aí sete anos, e nesses sete anos o primeiro projeto que a gente conseguiu foi em 2017, que foi o prêmio Selma do Coco, e aí a gente tem a expectativa de ainda ir pra Pernambuco, fazer uma vivência com todo o grupo, nas comunidades de coco, então é um desejo do grupo destinar os recursos deste prêmio à essa vivência, e eu espero que isso aconteça muito, na verdade é ir pra o Nordeste, que a proposta é vivenciar essa

experiência de coco em várias comunidades do Nordeste, então a gente, o prêmio a destinação é essa a ideia. E em 2018 a gente foi selecionada no Fomento à Periferia, então a gente escreveu um projeto que a proposta era construir um documentário com várias mestras da cultura popular da Zona Leste de São Paulo, e a proposta também é gravar um CD, onde a gente pudesse registrar algumas músicas que a gente já tinha do grupo, a gente tem em torno de umas dez a doze músicas né já prontas, fora as que ainda não foram apresentadas né, que é um grupo que é muito fértil nos processos aí criativos, e a gente achou também muito legal a gente fazer os registros desses cocos, muito nessa pretensão mesmo de registrar como algo que, muitas vezes tá distante da gente e aí através do fomento a gente achou legal vivenciar essa experiência de registro dos cocos, é, e também o processo de Noite do Coco, de fazer as duas Noites do Coco. Então a gente tá com o fomento, a gente tá em fase de finalização, mas ao mesmo tempo é um grande desafio né, lidar com o fomento, lidar com prazos, né, quando você tem um grupo de militantes, um grupo de mulheres que tá inserido em várias dinâmicas, às vezes o fomento ele acaba colocando ali dentro de uma dinâmica que as coisas precisam acontecer né, tem esse lado bacana que é de potencializar de fomentar o grupo, mas também tem o lado que é, as coisas precisam acontecer dentro do que tá previsto né, acho que é isso. Agora eu acho que valeria a pena falar dos instrumentos né, porque assim, a gente é, os instrumentos do coco né que a gente toca e aqui tem alguns deles, e assim todos eles foram né, cada um atrás do seu né, a gente não conseguiu ainda, óbvio que o fomento tem essa intenção, mas assim que cada uma foi trazendo o seu instrumento pra compor o grupo de coco né, acho que é isso.

Patrícia Alves: Bom, o meu caminho até o coco (risos), é, em 2003, 2004, a gente tinha um Espaço Cultural o Honório Arce, né, onde a gente, era um agrupamento de jovens né, de Guaianases, onde a gente acabava fazendo as noites culturais, saraus, várias atividades culturais e a gente ganhou alguns fomentos, a gente ganhou o VAI em 2006, e o VAI em 2007, e a partir daqueles VAI, dos dois VAI, a gente começou a propor oficinas de maracatu, de jongo, de batucada né, no geral, de Moçambique, e aí ali naquelas oficinas do VAI pra mim foi um encontro assim, incrível assim, porque pra mim o jongo pra mim era um chamado, o jongo pra mim era essa canção de pé no chão, de lalaiê, era quase que uma entoação assim de se conectar com coisas que você ainda não sabe o que é, então pra mim quando eu tive contato com o jongo e com o próprio maracatu, pra mim, pra mim foi uma conexão mesmo de identidade assim, de identificar as comunidades, os lugares que eu já tinha passado, Pernambuco, Bahia né, que eu vivi uma parte da minha vida em Pernambuco, a outra na Bahia, então meio que foi essa

conexão de sacar coisas que estavam ali em Moçambique que tinha na Bahia, de sacar que tinha coisa ali que meu pai cantava lá em Pernambuco, então pra mim foi muito potente, pra mim foi um lugar que eu falei nossa nunca mais eu quero me desligar disso aqui, né e aí eu fui, também tive a oportunidade de tá no Brincante, né que é um lugar que potencializa muito as manifestações nordestinas aqui na cidade de São Paulo, então eu fiquei um tempo no Brincante, aí em 2014 quando eu conheci o Semente, quando a gente se juntou como grupo porquê a gente já se conhecia, é, daí na época eu lembro que eu fazia parte de maracatu e jongo, eu tava no jongo e tava no maracatu, mas no coco, pra mim era essa questão mesmo de, ele é simples, a batida do coco ela é muito simples, mas ao mesmo tempo tem uma potência muito grande assim, quando a gente fala das ancestralidades, das identidades, o que que está por traz dessas manifestações, das mulheres lá né lá em Pernambuco é muito forte né o coco sendo conduzido por mulheres, então, pra mim é um lugar de muita força assim, de muito encontro, pra mim foi um grande encontro.

Irelido CPDOC Guaianás: E o coco, onde é que tá nesse contexto o coco? Como chega pra você? Eu sei como é a sua trajetória, mas o coco onde é que ele amarra isso?

Patrícia Alves: Como ele amarra? (Risos)

Irelido CPDOC Guaianás: Como é que você chega no coco assim, você experimentou várias coisas, foi contando tal, mas essa paixão pelo coco né, que vocês transmitem muito bem?

Patrícia Alves: Eu acho que no fundo todas nós já tínhamos uma curiosidade em relação ao coco, eu lembro da Camila cantando um coco da Cumade Fulôzinha que é “eu nasci das torres de mundo pelos céu dominamento, sei” e eu lembro da Camila cantando esse coco né, e eu fiquei “nossa que legal a Camila canta coco”, tipo, porque não era comum ouvir no nosso grupo, no nosso meio pessoas cantando coco, e aí quando eu vi que a Camila cantava coco, e aí lá no Brincante eu também tava vivenciando o coco, eu acho que o coco ele tem essa coisa da rima rápido, fácil, do improviso né, então o coco é uma manifestação o que você tem um versinho que você fica ali brincando com ele, e é uma brincadeira que ela vai crescendo, né, e ganhando uma força ali na roda por que acho que tem uma coisa interessante nas brincadeiras de roda, é que é essa coisa da circularidade né, então todo mundo se vê, todo mundo tá ali compondo essa roda, então acho que o jongo, o coco né, quando a gente fala de danças de roda você tá falando de um campo democrático onde as pessoas podem cantar, podem dançar, podem tocar, podem ir na roda, podem experimentar várias coisas então acho que o coco ela tem essa coisa muito bonita que eu acho que é essa roda indígena, essa roda africana né, onde as pessoas conseguem se conectar e conectar-se com as suas identidades né, então pra mim o coco eu acho que é essa

grande roda assim né, e recentemente eu tive em Pernambuco, em janeiro né, um pouco antes da pandemia, e você vai numa roda de coco, e você não quer sair, você não quer voltar pra casa, você não quer voltar pra São Paulo, você quer ficar lá né, porque acho que a energia do coco, a energia do jongo, a energia de algumas manifestações, são energias vivas né, é tanto que tem uma galera que costuma falar “Cultura popular é folclore? Cultura popular é folclore? O coco é do folclore?” Não, o coco não é do folclore, né quando a gente fala de cultura popular a gente tá falando de uma cultura viva, de uma cultura onde as pessoas estão ali fazendo, construindo, tocando, cultivando né, dialogando né, se politizando através dela, resistindo através dela, e não algo estático que tá parado no tempo né, então a cultura popular é viva né, ela tá aí né, pra gente se fortalecer né.

Renata CPDOC Guaianás: Faz uma coisa que você não fez até agora. Fala o seu nome, se apresenta pra nós (risos).

Patrícia Alves: Bom eu sou Patrícia, moradora de Guaianases.

Renata CPDOC Guaianás: Patrícia do que?

Patrícia Alves: Patrícia Alves Costa

Renata CPDOC Guaianás: Todo mundo te conhece assim?

Patrícia Alves: Acredito que sim, Patrícia Alves.

Música do Semente Crioula - Camila e Patrícia:

Tira essa rosa mulher

Da prateleira

Bota essa rosa mulher

Na cabelereira

Gira essa saia mulher

A noite inteira

Vem cá pra roda mulher

Pra brincadeira

Tira essa rosa mulher

Da prateleira

Bota essa rosa mulher

Na cabelereira

Gira essa saia mulher

A noite inteira

Vem cá pra roda mulher

Pra brincadeira

Samba de coco é coisa de mulher

Coisa de mulher é tudo que ela quiser

Samba de coco, coco de roda, girando a saia, batendo o pé.

Samba de coco, coco de roda, girando a saia, batendo o pé.

Samba de coco é coisa de mulher

Coisa de mulher é tudo que ela quiser

Samba de coco, coco de roda, girando a saia, batendo o pé.

Samba de coco, coco de roda, girando a saia, batendo o pé.